

Não sou tio, nem pai, sou professor! A docência masculina na educação infantil

Autor: Peterson Rigato da Silva

petersonrigato@gmail.com

GEPEDISC-CULTURAS INFANTIS (UNICAMP-FE)

RESUMO: A proposta para esta comunicação tem como objetivo apresentar como ocorrem as relações de poder nos espaços e tempos das pré-escolas públicas, quando há homens na docência. Tal estudo mostrou três atores: um professor na cidade de Piracicaba/SP, Brasil, um professor na cidade de Roma, Itália, com crianças na faixa etária de 3 a 6 anos, e também o autor, pois me coloquei, questionei o que demarca a não neutralidade do sujeito que escreve. Portanto, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de inspiração etnográfica, que observou de perto as relações entre os professores e as crianças pequenas, entre os professores e outros/as adultos/as nos espaços e tempos das pré-escolas. Os procedimentos metodológicos para a análise foram o caderno de campo, a entrevista e a fotografia, investigando como a docência masculina na educação infantil altera e/ou reforça as redes de poder marcadas pelo machismo e sexismo, as quais determinam uma hierarquia entre os sexos e as relações de gênero. Os pressupostos teóricos da Sociologia da Infância, dos Estudos Feministas e da Pedagogia da Infância permitiram analisar este universo constituído por relações adultocêntricas e que perpetuam uma visão androcêntrica de sociedade. Nessa perspectiva, fica evidente a separação do cuidar e do educar, principalmente quando se trata do cuidado com os corpos dos meninos pequenos e das meninas pequenas, pois existe uma compreensão na sociedade capitalista que os espaços da pré-escola se constituem na ordem de hierarquização e subordinação de gênero, este mecanismo é naturalizado quando se têm os homens na docência com as crianças pequenas. Existe ainda o medo da violência física contra crianças, levantando-se dúvidas sobre a integridade e intenções por trás dessa relação; como se, necessariamente, houvesse um potencial “abusador” disfarçado no pretexto da docência. Nesse contexto institucional, esta pesquisa ao focar a docência do sexo masculino, possibilitou refletir sobre as identidades docentes, e que tais diferenças entre professor e professora reforçam o binarismo homem e mulher, que ainda é pautado em uma visão biológica em que as desigualdades de gênero estão presentes. Possibilitou ainda, observar que a docência na educação infantil vem passando por transformações, sendo inventada, desde a origem da creche pela luta das mulheres, da esquerda e do feminismo, busca-se uma pedagogia não sexista. Meus dados permitem insinuar a importância de pensar em uma nova formação docente que discuta as teorias das relações de gênero, o pensamento pós-colonial, as teorias queer, corpo e a história etc.; o desafio encontra-se na construção de uma pedagogia da educação infantil não sexista, emancipatória, descolonizadora, contra o binarismo, contra a visão biológica, contra uma educação heteronormativa, e contra todas as formas de autoritarismo: racismo, machismo, adultocentrismo e que garantam a produção das culturas infantis.

Fruição...

O desafio em estabelecer uma interlocução entre os estudos pós-coloniais, feministas, da pedagogia da educação infantil, da sociologia da infância e das relações de gênero permitem avançar na construção de pedagogias descolonizadoras e emancipatórias para a pequena infância. Diante de tal propositura este artigo contribui ao explicitar as diversas formas de pensar a docência na educação das crianças pequenas, especialmente, ao se ter docentes do sexo masculino, ou seja, é possível pensar em uma educação infantil não sexista, quando se têm na docência os homens? E como se dá tal entrada em um espaço constituído pelo (s) feminino (s)? Se o processo de educação brasileira, ainda está pautado no viés machista e sexista na organização social do trabalho, como quebrar com tais amarras dentro dos ambientes da educação infantil?

Diante de tais provocações, pensar em pedagogias que coloquem as crianças como protagonistas e autoras no processo de produção das culturas infantis vem a ser uma possibilidade de reflexão para criação de outras formas de pensar a educação para a pequena infância, eliminando, dessa forma, as práticas machistas nos espaços e tempos da educação infantil. A pesquisa que será apresentada foi realizada em dois lugares distintos: numa pré-escola, na cidade de Piracicaba-SP, Brasil e na pré-escola pública Estatal, na cidade de Roma, Itália.

Localizar os sujeitos da pesquisa requer mergulhar nas nuances presentes nos conflitos de gênero. Tal mergulho permitiu olhar as desigualdades que estão ao redor das relações sociais entre homens e mulheres e meninos e meninas que se encontram “por modelos sexuais dicotomizados e hierarquizados” (CERISARA, 1996, p. 48). É a partir dessa perspectiva que apresento a educação de crianças pequenas, a educação infantil, espaço ocupado por mulheres e também por homens.

Entre o exótico e o selvagem....

Nem pequenas mulheres, nem pequenos homens, mas meninos e meninas que – com a mediação de profissionais que se reconheçam em sua condição social de homens e mulheres – possam, através de diferentes experiências, tomar consciência de que “anti-valores” como hierarquia, poder e dominação

precisam ser constantemente desmistificados, ajudando, assim, a ampliar as concepções de infância e de gênero (SAYÃO, 2003, p. 84).

As pesquisas de Elisabeth Cruz (1998), Deborah Thomé Sayão (2005), Joaquim Ramos (2011) e Mariana Monteiro (2014) apresentam a complexidade das docências quando se tem homens na educação de crianças pequenas. Essa presença masculina aparece como um elemento de estranhamento em uma profissão que nasce feminina e que tem em seu bojo essências, características, ainda ditas “biológicas” da mulher. O homem, nessa profissão, seria, portanto, o *sujeito fora do lugar*, como afirma Cardoso (2007) ao falar do professor homem no ensino fundamental.

Para entender este estranhamento em relação ao homem exercendo a docência na educação infantil e o seu papel enquanto referência masculina recorro à Cruz (1998) que reafirma as desigualdades de gênero na estrutura social da divisão sexual do trabalho, de modo que essa desigualdade “se reproduz tanto se as pessoas que desenvolvem essas atividades são mulheres ou não” (IZQUIERDO apud CRUZ, 1998, p. 243).

Nesse sentido, é possível destacar elementos que atravessam os ambientes da educação infantil, como a busca de referências do masculino e do feminino, do papel do homem e da mulher, e a busca da organização dos espaços e dos tempos - que determinam as relações e as desigualdades de gênero - no cotidiano com os meninos pequenos e com as meninas pequenas.

As consequências dessas relações entre adultos/as e crianças pequenas no interior das pré-escolas vem de uma formação que não é oculta e sim carregada de preconceitos de uma sociedade machista, sexista e racista, onde as crianças desde bem pequenas, “são formadas (deformadas?)” por micropolíticas que padronizam um jeito de ser menino e menina na sociedade capitalista (FREITAS, 2004, p. 10), principalmente a forma como vem sendo implantada a escolarização das crianças pequenas, os métodos avaliativos que fragmentam a produção de conhecimento, o que também fomenta para um ideal de sociedade, pautada na heteronormatividade.

Dessa forma, é possível perceber a cultura masculina presente no cotidiano das pré-escolas que demarcam e reproduzem os modelos patriarcais da sociedade ocidental. O mesmo ocorre com a produção de conhecimento, no sentido de escolarizá-lo e colonizá-lo, padronizando-o em função do sistema capitalista ocidental a educação das crianças pequenas.

Dentro desse contexto, pergunto: 1) que pedagogia é essa que encontramos na educação das crianças pequenas e que perpetua as desigualdades de sexo, gênero, raça e classe? 2) A quem e a quem serve esta pedagogia? 3) Como pensar a configuração dos espaços de educação infantil, tendo em vista as desigualdades de gênero neste contexto?

As questões que emergem no processo de construção metodológica, relacionam-se, o que vai demarcar as observações nas relações entre os professores e as crianças pequenas. Como afirma Abramowicz (2011, p. 17), com “as ferramentas teóricas para captar este olhar”, o desafio é mergulhar nesse território em que as relações de poder estão imersas nas disputas de gênero.

É dentro dessa perspectiva que este breve artigo tende a questionar a visão naturalista dos papéis das mulheres e dos homens na sociedade de consumo e produção, questionando, principalmente, o papel do homem, professor na educação infantil.

Segundo Elisabeth Souza-Lobo (2011, p. 55), “o objetivo da divisão de trabalho, reside não tanto na divisão das tarefas, mas essencialmente na separação entre a concepção e execução, e simultânea ao estabelecimento da hierarquia, do controle e da diferenciação das funções”. É o que visualizamos na relação entre o trabalho dos homens e das mulheres na área da educação, principalmente na educação infantil. E as diferenças estão postas em um patamar que remexe com as estruturas sociais e com os papéis atribuídos aos homens e as mulheres, colocando em “xeque” uma única visão de sociedade, para não correr o risco e o perigo da reprodução de uma única história.

Os professores são sujeitos da pesquisa, na qual busquei observar as complexas relações construídas entre os professores e as crianças pequenas nas turmas das pré-escolas e, também entre outros/as adultos/as nos ambientes da educação infantil, que constituem o objeto de conhecimento nas ciências sociais. Esse processo é fundamental para compreender as relações de gênero estabelecidas entre os professores e as crianças pequenas, e, também, entre as professoras e outros/as adultos/as nos espaços das pré-escolas.

A neutralidade dos sujeitos na pesquisa é questionável, pois como lidar com determinadas situações de conflito e confronto dentro dos espaços pesquisados? Como lidar com a violência subjetiva diante do cotidiano infantil? As relações entre os professores e as professoras foram demarcando meu lugar enquanto sujeito da pesquisa, consciente de meus limites e minhas ações, em uma relação de mão dupla, ou seja, “numa relação de interação e influência” (SOUZA, 1999, p.5).

Nesse sentido, o encontro com os professores Júlio na cidade de Piracicaba/Brasil e Danilo em Roma/Itália, me ajudaram, a refletir sobre as contradições presentes nos espaços e nos tempos da educação infantil e, principalmente, sobre o quanto estão naturalizados alguns valores que normatizam a sociedade contemporânea. Valores estes que estão pautados em uma visão machista e sexista, na qual a heteronormatividade é o fator essencial para a conformação do sujeito “sem sentidos e privado de necessidades” (MARX, 1978, p. 18).

Durante minhas observações pude verificar a divisão sexual do trabalho, no momento do banho das crianças pequenas e a forma de organização dos tempos e dos espaços para elas, como apresentado no relato abaixo. Esses são exemplos de normatização que não só revelam medos em relação à presença do professor Júlio ao dar banho nas meninas pequenas e nos meninos pequenos, mas como uma ameaça que possa levá-lo a abusar das crianças, que ferem a moral e os bons costumes da sociedade – o corpo pequeno nu e o possível toque do professor. Essa visão ocorre, pois já é natural tal cuidado ser realizado por professoras.

[...] em uma conversa com o professor no momento de brincadeiras na área externa, ele relatou que uma das dificuldades encontradas nas relações com as famílias era o banho, pois ele acompanhando as meninas não era uma coisa bem vista pelos pais e pelas mães das crianças, e principalmente pelos pais das meninas. Por esse motivo, a direção combinou com a professora da turma de jardim II (crianças de 5 anos) que ela acompanharia todas as meninas (duas turmas) nesse momento e o professor daria banho somente nos meninos das duas turmas, independente da quantidade de meninas e meninos (Caderno de Campo, BRASIL, 2012).

Naturalizar essa dinâmica do cotidiano com as crianças pequenas e não problematizar tal situação demarca um silenciamento da equipe docente e dos possíveis conflitos entre as famílias no interior da Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental - EMEIF. O que também, podemos refletir sobre o local da unidade, que carrega consigo uma história de enfrentamento da violência, da pobreza e da miséria, como na atualidade, o processo religioso como ferramenta de colonização do pensamento e do comportamento da população. Por isso, enxergo que a postura da gestão da EMEIF era de apagamento das diferenças, o que refletia na atuação do professor Júlio.

A atenção dada quando se tem homem na docência com as crianças pequenas é bem evidente tanto por parte da direção das pré-escolas pesquisadas no Brasil quanto por parte da relação entre as professoras e os outros funcionários e funcionárias das unidades (zeladores, merendeiras, serviços-gerais, escriturária, secretária, coordenadora). É possível perceber que a presença do homem na docência gera mudanças até na organização dos tempos, como pontuado no relato abaixo, e na execução do trabalho com as crianças.

Conversando com a diretora Jules da Escola Municipal de Educação Infantil, ela explicou como foi a recepção do Júlio no nosso quadro docente. Primeiro pensamos rapidamente na turma que iria assumir, pois trabalhar diretamente com as crianças pequenininhas (0 a 3 anos) não daria certo, nesse sentido a turma atribuída ao professor foi de crianças de jardim I (4 a 5 anos). Outro ponto era a preocupação no momento do banho das crianças, que seria realizado no período oposto ao do professor, a professora daria o banho. E, quando precisasse dar banho no turno do professor, iríamos contar com a serviços-gerais, que executaria o trabalho. E o desafio maior seriam as famílias das crianças desta turma, em aceitá-lo... (Caderno de Campo, BRASIL, 2013).

Nesse sentido, as “severas imposições biológicas e ocupacionais no uso dedicado ao cuidado com as crianças” (ANYON, 1990, p. 15), coloca a mulher como encarregada desses cuidados exclusivos, “componentes de uma sociedade patriarcal”, com padrões desiguais de papéis sexuais (ROSEMBERG e AMADO, 1992, p. 64).

Tais situações inibem a própria discussão sobre os papéis atribuídos às professoras e aos professores, já que prestaram o mesmo concurso público para exercerem a mesma função, sem nenhum privilégio. Além disso, é constituído por um viés que propaga as desigualdades de gênero. E que a organização na Escola Municipal de Educação Infantil no momento de recepção do professor Júlio não só reproduz o *status quo* como naturaliza as ações tomadas pela diretora.

Entretanto, por exemplo, no *chão da fábrica*, os operários e as operárias, já se encontram em posições desiguais por conta do trabalho a ser realizado e também da não qualificação diante da função exercida, ou seja, segundo Souza Lobo, “a subordinação de gênero manifesta-se na divisão sexual do trabalho através das desigualdades de salários e da desqualificação das funções femininas” (2011, p. 172), o que difere da realidade encontrada na profissão docente na educação infantil, já que tanto a qualificação como as funções a serem executadas por professoras e professores são as

mesmas, o que pode ser chamado de “igualdade” dentro de uma profissão, atribuindo os mesmos salários aos dois sexos.

Porém, o que encontramos são diferenças na execução das funções docentes na educação infantil e, também, nas turmas que o professor pode assumir, principalmente quando é recém-contratado, já que ninguém conhece a índole desse profissional. Ramos, (2011, p. 61) em sua pesquisa de mestrado, identifica que os professores passam por um “estágio comprobatório”, ou seja, “precisam oferecer provas de idoneidade, competência, habilidade e, especialmente, de uma sexualidade que não ofereça riscos para as crianças”. Já com as professoras isto não ocorre, elas podem assumir sem problemas ou questionamento qualquer faixa etária e qualquer função de trabalho. “A relação entre tarefa e quem faz a tarefa” (SOUZA-LOBO, 2011, p.63) fica bem evidente na divisão sexual do trabalho com as crianças pequenas.

A extensão da família patriarcal parece presente na educação dos meninos pequenos e das meninas pequenas, principalmente no papel da mulher, professora na educação infantil. Segundo Fúlvia Rosemberg e Tina Amado (1992, p.71), nas “creches públicas atribui-se a uma pajem a [impossível] função do afeto como uma mãe a seu filho”.

A desigualdade entre homens e mulheres está tão presente nas relações que é naturalizado e se perpetua na relação com as crianças pequenas, principalmente na forma de se educar. Tal acontecimento se faz presente, principalmente, pelo fato de que, ser professora na educação infantil ainda é visto como um “prolongamento” de um trabalho de mulher em que o homem, professor não se encaixa.

Novamente a sexualidade das funções passa por um complexo mecanismo cultural [...], muito mais do que isso, por relações hierárquicas e de qualidade distintas entre os sexos, representações de responsabilidade e de adequação, que por sua vez remetem a relações de poder fundadas no saber técnico, próprio ao trabalho... (SOUZA-LOBO, 2011, p.65).

Esse sujeito – docente do sexo masculino - fora do lugar causa um estranhamento, um incômodo. Se as relações de poder estão presentes na divisão do trabalho como afirma Souza-Lobo (2011), como quebrar com as amarras dessa estrutura social, nos espaços e tempos da educação infantil?

Acredito que as relações entre os meninos pequenos e as meninas pequenas podem ajudar nesse processo desestabilizador das estruturas sociais em que a produção das culturas infantis está em evidência. O que pode ser destacado na observação na turma do professor Danilo e a sua organização da sala como elemento proposital para

neutralizar as práticas sexistas. Tal elemento pode ser destacado na composição dos objetos que se faziam presentes naquele ambiente e que eram explorados pelos meninos e pelas meninas, sem distinção de sexo de diferentes formas. Por exemplo:

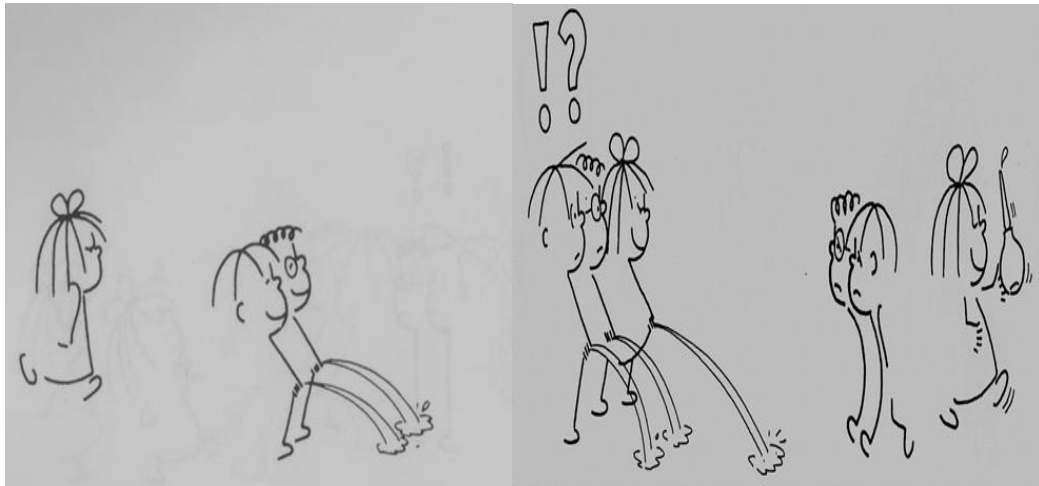
O professor pede para todas as crianças ajudarem na organização da sala, e dialogando com elas, vai começando a guardar os objetos, os meninos e as meninas vão se juntando nessa organização e começam a guardar os brinquedos e o material que usaram, alguns relutam para participar desse momento. Porém, o professor não fica insistindo, as crianças entre elas vão chamando e organizando o espaço como encontraram. Não existe uma separação entre os meninos e as meninas, todos ajudam (Caderno de Campo, ITÁLIA, 2014).

A intenção do professor é que todas as crianças participem desse momento, sem distinção de sexo, a arrumação é realizada por todos e todas. Como sinaliza Russo (2008, p. 59), “a ideia é concentrar o dever-fazer-alguma coisa a uma parte limitada da jornada das crianças”, propiciando um momento de trabalho coletivo.

Os homens, professores de crianças pequenas, estrangeiro nesse território da infância, provoca nesta pesquisa o debate para olhar as relações entre o professor e as professoras, nas quais a desigualdade está acentuada: a perspectiva das diferenças está latente; o machismo, o sexismo e o adultocentrismo são colocados em evidência, possibilitando a reflexão diante das práticas educativas com as meninas pequenas e os meninos pequenos.



Fonte: Revanche 1, Tonucci (2005)



Fonte: Revancha 2, Tonucci (2005)

A complexidade da docência masculina...

As diferenças entre as práticas educativas dos/as docentes é o que caracteriza a *forma da/na* docência, forma esta que, para o autor “se apresenta com impressionante regularidade toda vez que a escolarização é produzida ou mimetizada”. Freitas vai pontuar a dimensão do cotidiano da educação infantil mostrando que as disputas são reproduzidas dentro da lógica neoliberal individualista, na qual podemos refletir sobre esta dinâmica ao observar a reprodução da hierarquização de gênero na função docente que consolida tal conjuntura.

Tal relação é colocada como um mecanismo de reprodução das desigualdades de gênero e o fato de haver docentes do sexo masculino na educação infantil causa estranhamento e gera uma atenção redobrada, a qual incide, principalmente, em algumas funções executadas pelos professores, como os cuidados com o corpo.

Nesse aspecto, tanto o professor Danilo quanto o professor Júlio, em contextos diferentes e em outros tempos, viveram essa tensão que existe quando se tem o professor na educação infantil: o cuidado excessivo e uma atenção vigiada diante da relação entre o docente e as crianças pequenas. Em entrevista com o professor Danilo, ele relata a sua entrada na docência na educação infantil e pontua o quanto é complexa essa relação.

Eu senti logo o estranhamento, ao passar no concurso, no fato de ser eu e alguns outros homens

*na Itália, no meu distrito, ganhamos 300 vagas, foram atribuídas pelo mesmo concurso que eu ganhei, e dessas 300 vagas ganhamos, duas delas, ganhamos dois homens. Era uma novidade... Lembro que me ligaram certa vez, para (pausa), depois de alguns meses que eu trabalhava, para saber como era a minha experiência, como era essa novidade, o próprio Ministério, mandava, como dizer, averiguar, fazer um levantamento sobre impressões, sobre... (pausa). Eu me lembro que, demorou um pouco, mas comecei a pensar, justamente, que sentindo que eu poderia dar à presença de um homem numa escola que chamava de materna. E do jeito que eu via que as colegas desempenhavam, não era bem o trato que fosse açucarado, mas era o (pausa), como se diz, **o conjunto da proposta educativa que era açucarada**. Que era feito para infantilizar... Elas encaravam as crianças como criancinhas, como menorzinhas, falavam para elas desse jeito, que nem sempre era açucarado, dependia do caráter das mulheres, das professoras, assim como do meu, mas nos termos da proposta, os conteúdos, as formas também, as imagens e tudo isso aqui, conjurava ser açucarado, não? Então (pausa), na tentativa de me diferenciar... negava a fazer aquele planejamento, fazia outra coisa, algo que só mais tarde, anos depois fui entender, que era refletir sobre as experiências com as crianças... (Entrevista com o professor Danilo, ITÁLIA, 2014).*

Tal aspecto revela o quanto o dispositivo de controle, do vigiar, vivida pelo professor Danilo ao adentrar a docência na pré-escola, em 1979, é ainda muito forte e presente nos dias de hoje, lógica esta repleta de mecanismos de controle e atenção para esse profissional do sexo masculino. Vale serem ressaltadas, por seu aspecto de gênero e da compreensão de um projeto pedagógico não sexista, as diferenças no trabalho realizado pelo professor Danilo com as crianças, pois a sua atitude em não realizar a mesma dinâmica das professoras é enfatizada por ele, como elemento propulsor e problematizador de uma Escola da Infância.

No entanto, o professor ressalta que as escolhas pedagógicas estão vinculadas com o caráter profissional, diríamos com escolhas ideológicas sobre o papel da Escola da Infância na educação dos meninos pequenos e das meninas pequenas. O que não está atrelada somente à ideia das diferenças entre homens e mulheres, pois a relação que se

constrói com as crianças pequenas, pode não ser *açucarada* e isso depende de uma formação do olhar, da escuta, das experiências entre os/as professores/as e as crianças pequenas, na ética docente em que o ser político está presente.

Segundo Ramos (2011), em sua pesquisa de mestrado, o homem na docência passa por dois estágios para efetivação do cargo, ou seja, o primeiro para provar que é um profissional competente e o segundo para provar que não vai causar nenhuma violência física em nenhuma criança, ou seja, o abuso sexual. Por que o medo da violência sexual está atrelado à figura masculina? Quais os indícios que levam a pensar neste problema?

De acordo com professor Danilo,

este medo é vestígio de uma educação patriarcal, machista da nossa sociedade que não percebe as armadilhas do capitalismo e deixa paralisar e engessar o pensamento (Caderno de Campo, ITÁLIA, 2014).

Ao tentar responder a esta questão e a outras reflexões apresentadas anteriormente, debrucei-me em algumas pesquisas nacionais que versam a cerca do debate e da polêmica da entrada de docentes do sexo masculino na educação infantil e acerca das especificidades da construção da profissão.

Quadro 7: produções acadêmicas sobre a docência masculina na educação infantil

Autor/a	Título	Ano
Elisabeth Franco Cruz	<i>Quem segura o bebê e a bolsa? : o masculino na creche</i>	1998
Deborah Thomé Sayão	<i>Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creche</i>	2005
José Luiz Ferreira	<i>Homens ensinando crianças: continuidade-descontinuidade das relações de gênero na educação rural</i>	2008
Mara Isis de Souza	<i>Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais</i>	2010
Francisca Silveira Mariano	<i>A inserção do homem na educação infantil</i>	2011
Claudionor Renato da Silva	<i>Professor homem, negro na escola da infância: reflexões e apontamentos de um iniciante</i>	2011
Peterson Rigato da Silva	<i>A presença masculina na educação infantil: diversidade e identidades na docência</i>	2011
	<i>Construindo um outro olhar sobre o docente na educação infantil: memórias de um profissional da pré-escola pública piracicabana</i>	2006
Júlio Paulo de Moraes	<i>A experiência de um homem, educador, cuidador, recreacionista em uma creche: análise fundamentada a partir das ideias e</i>	2012

	conteúdos aprendidos no projeto “tecendo...”	
Mariana Kubilius Monteiro	<i>Trajetórias nas docências: professores homens na educação infantil</i>	2014
Joaquim Ramos	<i>Um estudo sobre os professores homens na educação infantil e as relações de gênero na rede Municipal de Belo Horizonte - MG</i>	2011
Joaquim Ramos Joaquim Ramos e Maria do Carmo Xavier	<i>O ingresso e a permanência de professores homens na educação Infantil: a desconstrução de lugares fixos</i>	2014

Interessante observar que os títulos das produções já revelam visões sobre a docência masculina, por exemplo, os termos inserção, presença e permanência são palavras que permitem refletir sobre modelos que o capitalismo quer desenvolver na sociedade, principalmente quando tais modelos refletem a visão binária já desde a formação das crianças pequeninhas nas creches, visão está que “cristaliza” uma forma de ser, como afirma Guattari (1981, p. 52), “o capital é a própria matriz da tradutibilidade dos valores de troca e de todas as formas de trabalho”.

Vale ressaltar, que esse processo que fragmenta a formação humana e propaga as desigualdades de gênero, raça e classe é uma forma de adestramento, o que leva os sujeitos da sociedade a agir como a máquina do capital determina, naturalizando as relações, propagando um ideário do patriarcado público e a desvalorização do trabalho¹. Nas pesquisas de Cerisara (1996), Saporoli (1997), Cruz (1998) e Sayão (2005), que enfatizam tal dinâmica diante das relações de gênero e que reforçam as desigualdades, pode-se ver em destaque que “aprendemos a diferenciar e a hierarquizar os sexos” (Sayão, 2005, p. 262).

A temática da hierarquização e diferenciação dos sexos veem sendo discutida desde a década de 1990, dando ênfase à trajetória de professores do sexo masculino. Coloca-se em debate esse olhar que marca a divisão entre os sexos, olhar este que se pauta unicamente nas visões biológicas, dando destaque a diferentes formas de cuidado nos espaços educativos para as crianças pequenas. Ao se debater este olhar, são apresentadas as diferenças na docência quando exercida por homens e mulheres. Tais distinções se encontram na dicotomia entre o cuidar e o educar. Dessa forma, a maternidade é desvelada como um mito e a feminização passa a ser a força que o

¹ Ver Falquet (2013), que enfatiza o quanto o capital vai desvalorizar o trabalho feminino, como também coloca em pé de desigualdade com os homens, ao afirmar que o trabalho dito de menor valor, “é exercido por mulheres brancas, mas também por pessoas racializadas e proletarizadas, inclusive homens” (idem, p. 19).

neoliberalismo encarna na sociedade do trabalho desvalorizando a docência na educação infantil e reforçando as desigualdades de gênero.

As análises dessas relações apontaram para o processo hegemônico de uma única forma de masculinidade e feminilidade na docência da educação infantil acentuada pelo caráter normativo de condutas e valores de uma sociedade heteronormativa. Portanto, pode-se afirmar que o machismo e o sexismo são reproduzidos e naturalizados dentro dos espaços públicos e coletivos de educação das crianças pequenas onde esta pesquisa foi realizada. Embora tenha sido evidenciado na participação de professores do sexo masculino que tais características se destacavam, porém são elas silenciadas pelo sistema, o qual produz as desigualdades e mantém a subordinação de gênero, idade em que o adultocentrismo está latente (Connell e Messerschmidt, 2013; Rosemberg, 1976).

A tese de Saporoli (1997), afirma que as desigualdades de gênero estavam acentuadas na profissão de educadores e educadoras de creches na cidade de São Paulo, não era “a presença quase que absoluta de mulheres que desprestigia essa ocupação, mas seu caráter não profissional” (Saporoli, 1997, p. 127). Apesar dessa importante constatação, agora confirmada também pela minha pesquisa, essa situação é problematizada com a conquista de políticas públicas para a infância, a LDBEN 9394/96, que coloca a educação infantil como primeira etapa da educação básica, garantindo o direito das crianças pequenas de 0 a 6 anos à espaços públicos e coletivos de educação. Faria (2005, p. 1015) afirma que,

adultos lúcidos que lutaram por eles, conquistando assim a possibilidade do coletivo infantil, isto é, de a criança ser educada na esfera pública complementar à esfera privada da família, por profissionais diplomados distintos dos parentes, para a construção da sua cidadania; e de conviver com a diversidade cultural brasileira, produzindo as culturas infantis, entre elas e entre elas com os adultos.

Desse modo, outros discursos foram construídos para justificar a entrada de docentes do sexo masculino nos ambientes de educação infantil, como: a busca de valorização da carreira docente, como justificativa de ter homens nos cuidados das crianças pequenas (Jytte Juul Jensen, 1993); o papel do docente do sexo masculino para disciplinar “grupos denominados mais indisciplinados” (Sayão, 2005, p. 256). Tais pressupostos só reforçam o machismo na construção da docência nos espaços da creche e pré-escola. Contudo, a docência masculina na educação infantil, também é vista com muitos cuidados, alguns até exagerados, como a questão do “pedófilo em potencial”, ou

seja, o medo exacerbado de uma imagem masculina ligada ao universo da violência sexual, como apresentado no capítulo dois. O que aponta para as discriminações da docência na educação infantil e, também, para propagar as desigualdades de gênero na profissão.

Segundo Sayão (2005, p. 257), as “suspeitas de homossexualidade, perversão, estigmas e preconceitos quanto à idoneidade desses homens evidenciaram-se... a ideia de homem perverso e sexualmente ativo estava presente no imaginário de muitas mulheres e pais”. O que também foi constatado nessa pesquisa, pois, tanto o professor Júlio quanto o professor Danilo relataram experiências de preconceitos por serem docentes do sexo masculino, pois nos momentos dos cuidados corporais, tais práticas eram colocadas em suspeitas. No entanto, o enfrentamento se deu no âmbito do profissionalismo, construindo o professor, junto às famílias, uma cumplicidade, principalmente no contexto das práticas educativas, o que ficou evidente na relação com o professor Danilo. Este estabelece uma relação de proximidade com quem leva as crianças para a pré-escola. O envolvimento entre o professor e as famílias é intenso e a participação faz parte das estratégias do trabalho com os meninos pequenos e as meninas pequenas, fortalecendo o tripé: famílias/docente/ crianças pequenas.

Portanto, ao colocar na agenda o debate sobre a docência masculina na educação das crianças pequenas, coloco em discussão a formação docente. De qual docência estamos falando na educação infantil? Como se dá a relação dos professores e das professoras diante de práticas machistas nos ambientes da educação infantil? O que os meninos pequenos e as meninas pequenas dizem sobre os professores do sexo masculino? Como as diferenças são incorporadas no cotidiano da educação infantil? Quem é o professor do sexo masculino que trabalha com as crianças pequenas? De qual classe social estamos falando? Algumas questões foram respondidas no tecer dessa pesquisa, outras são frutos de novas reflexões e podem e devem ser aprofundadas em outros estudos.

Cabe destacar que as observações diante das relações entre os professores e os meninos pequenos e as meninas pequenas foi minuciosamente construída e que tais descobertas se encontram nas transgressões de gênero entre as crianças pequenas e na produção das culturas infantis, ou seja, na construção de saberes que se dá, em via de mão dupla, entre adultos e as crianças (Bufalo, 1997). Diante desse processo que é contraditório, é permitida a reflexão sobre a dinâmica do cotidiano da educação infantil quando se tem docentes do sexo masculino.

Eu deixo que os meninos e as meninas (pausa), me puxem. Eles que dão estímulos, eles que me mostram o que estão querendo saber, estão querendo aprender naquele momento (Entrevista com professor Danilo, ITÁLIA, 2014).

O professor Danilo, ao afirmar que a produção de saberes se dá no protagonismo das crianças pequenas, nas descobertas, no desbravar da inventividade humana, e, na qual esse processo é norteado por elas, provoca fissuras com a visão adultocêntrica, construindo instrumentos, que possibilitem a eliminação das relações de poder.

Portanto, como afirma a saudosa professora Sayão (2005, p. 258),

gesto, dança, movimento, brincadeira, arte, riso, entre tantas outras. Lambuzarem-se, sujarem-se, molharem-se, secarem-se, levam-nas a aprender o mundo. Ouvi-las quando cantam e contam histórias e ouvir-nos quando contamos histórias e cantamos pode significar educar... e cuidar.

Diante dessa relação, queremos construir a Pedagogia da infância emancipatória, descolonizadora e revolucionária em que as diferenças são acentuadas e seguem em direção à eliminação de toda forma de exclusão que são resultados de processos sofisticados de reinvenção do sistema capitalista ocidental contemporâneo.

Talvez, a emancipação esteja presente na sensibilidade humana, citando Saramago (2012²), “na capacidade de todos os seres humanos de criar”. Nesse momento, retomo a fala do professor Júlio, “*Quando estou no parque, viro brinquedo* (Caderno de Campo, BRASIL, 2013) e, também, do diálogo entre uma criança com o professor Danilo, “*Você nos dá ideia e nós as melhoramos*” (Caderno de Campo, ITÁLIA, 2014). Tais falas transbordam essa dimensão brincalhona que é parte do ser humano, dessa sede de mudanças, de transformação social, de rompimentos do que já está instituído, mostrando que é possível outros modos de subjetivação não conformista e naturalizado, é aí onde encontro um potencial de revolução, diante do coletivo infantil.

Os espaços das pré-escolas pesquisadas, as relações construídas entre os professores Júlio e Danilo com os meninos pequenos e as meninas pequenas alimentaram a minha utopia de que as crianças pequenas podem mudar o mundo e, a minha luta pelo direito à educação infantil pública e de qualidade para todos/as. Mesmo os professores, não abordando a temática das relações de gênero, no seu cotidiano com

² Palestra proferida em novembro de 1999, na UFMG, acesso em 22/05/2014: <http://www2.camara.leg.br/camارانoticias/tv/materias/SEMPRE-UM-PAPO/430263-SEMPRE-UM-PAPO-HOMENAGEIA-OS-90-ANOS-DE-JOSE-SARAMAGO-%28BL.4%29.html>

as crianças, o que se encontra em evidência são práticas pedagógicas que impulsionam o debate e que estão presentes na organização dos espaços e tempos e na produção de saberes, as culturas infantis. O que permite refletir sobre a lacuna nas pesquisas sobre gênero e pequena infância na formação permanente dos/as docentes.

Por fim, a complexa relação dos professores do sexo masculino nos espaços da educação infantil permite pensar em uma educação para a pequena infância, na qual homens, mulheres e as crianças pequenas aprendam no coletivo que as diferenças entre os sexos estão presentes e que ao serem afirmadas não se transformem em desigualdades, pelo contrário, que se criem formas de eliminação de hierarquias de gênero. E a Pedagogia da infância se encontra nas relações entre adultos/as e os meninos pequenos e as meninas pequenas no processo de produção das culturas infantis, em que elas nos apresentam novos arranjos sociais e inventam outras formas de relações não sexistas, não racistas, emancipatórias.

Tal questão nos desafia e convoca a pensar uma formação permanente sobre as relações de gênero, formação esta realizada para e pelos/as docentes da educação infantil, tendo como fundamento as relações entre os meninos pequenos e as meninas pequenas e a produção das culturas infantis.

Referências bibliográficas

ALANEN, Leena. Estudos feministas/Estudos da infância: paralelos, ligações e perspectivas. In: CASTRO, Lucia Rabelo (org.). *Crianças e jovens na construção da cultura*. Rio de Janeiro: NAU, editora: FAPERJ, 2001, p. 71-92.

ANYON, Jean. Interseções de gênero e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n.73, p. 13-25, maio, 1990.

ÁVILA, Maria José Figueiredo. A professora de creche: a docência e o gênero feminino na educação infantil. *Pro-Posições*, Campinas-SP, vol. 14, nº 3 (42), p. 53-65, set./dez., 2003.

BADINTER, Élisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 6ª Ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRAILOVSKY, Daniel. “Los muy señoritos”. La profesión docente em la experiência de los maestros jardineros. *In-fan-cia latinoamericana*, Revista digital de La asociación de maestros Rosa Sensat, nº 8, p. 9-28, agosto, 2013.

BRASIL. *Lei nº 9394*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 28 ago. 2013.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Frederico de Assis. *A identidade de professores-homens na docência com as crianças: homens fora do lugar?* Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, 2004.

CARVALHO, Marília Pinto de. *No coração da sala de aula*. São Paulo: Xamã, 1999.

CERISARA, Ana Beatriz. *A construção da identidade das profissionais de educação infantil: entre o feminino e o profissional*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo – USP, 1996.

CONNELL, Raewyn. Masculinidade corporativa e o contexto global: um estudo de caso de dinâmica conservadora de gênero. *Cadernos Pagu*, Campinas-SP, nº. 40, p. 323-344, jan./jun., 2013.

CONNELL, Raewyn. O Império e a criação de uma Ciência Social. *Contemporânea* – revista de Sociologia da UFSCAR, São Carlos-SP, vol. 2, nº. 2, p. 309-336, jul./dez., 2012b.

CONNELL, Raewyn. Políticas das masculinidades. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol. 20 (2), p. 185-206, 1995.

CONNELL, Robert e MESSERSCHIMIDT, James W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis-SC, vol. 21, nº 1, p. 241-282, 2013.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao “faz-de-conta” das crianças. *Educação, Sociedade e Cultura*, Porto, nº. 17, p. 113-134, 2002.

CORSARO, William A. Entrada no campo, aceitação, e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Educação e Sociedade*, Campinas-SP, vol. 26, n. 91, p. 339-342, Maio/Ago., 2005.

CORSARO, William A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MÜLLER, Fernanda e CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs). *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez editora, 2009, p. 31-50.

CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. 2ª Ed., Porto Alegre: Artmed, 2011.

CRUZ, Elizabete Franco. “Quem leva o nenê e a bolsa?”: o masculino na creche. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehau e MEDRADO, Benedito (orgs). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS; editora: 34, 1998, p.49-67.

ENGELS, Friedrich e MARX, Karl. *O Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FALQUET, Jules. O capitalismo financeiro não liberta as mulheres: Análises feministas materialistas e imbricacionistas. *Crítica Marxista*, Campinas-SP, nº 36, p. 9-25, 2013.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de e FINCO, Daniela. Apresentação. In: *Sociologia da Infância no Brasil*. Campinas-SP: Autores Associados, 2011, p. 1-15.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de e FINCO, Daniela. Creches e pré-escolas em busca de pedagogias descolonizadoras que afirmem as diferenças. In: ABRAMOWICZ, Anete e VANDENBROECK, Michel (orgs). *Educação infantil e diferença*. Campinas-SP: Papyrus, 2013b, p. 109-124.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de e SILVA, Adriana Alves. Por uma nova cultura da infância. *Revista Educação: Cultura e Sociologia da Infância*, São Paulo: Ed. Segmento, p. 98-111, 2013.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Apresentação. In: VÁRIOS AUTORES/ GEPEDISC-CULTURAS INFANTIS (orgs). *Culturas Infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa*. Campinas-SP: Autores Associados, 2011, p. xii-xvii.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. *Educação Pré-escolar e cultura: para uma pedagogia da educação infantil*. 2ª Ed., Campinas-SP: editora da UNICAMP; São Paulo: Cortez, 2002.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. O espaço físico como um dos elementos fundamentais para uma pedagogia da educação infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de e PALHARES, Marina Silveira (orgs). *Educação Infantil pós-LDB: rumos e desafios*. 4ª Ed., Campinas-SP: Autores Associados, São Carlos-SP: Ed. UFSCAR, Florianópolis: Ed. UFSC, 2003, p. 67-91.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Pequena infância, educação e gênero: subsídios para um estado da arte. *Cadernos Pagu*, Campinas-SP, vol. 26, p. 282-287, 2006.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de. Políticas de regulação, pesquisa e pedagogia na educação infantil, primeira etapa da educação básica. *Educação e Sociedade*, Campinas-SP, vol. 26, nº 92, p. 1013-1038, Outubro, 2005.

FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. 3ª Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FINCO, Daniela. A educação dos corpos femininos e masculinos na Educação Infantil. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de (org.). *O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 94-119.

FINCO, Daniela. *Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: Análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero*. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo – USP, 2010.

FINCO, Daniela. *Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem e mulher com mulher: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-escola*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Campinas – UNICAMP, 2004.

FINCO, Daniela. Homossexualidade e educação infantil: bases para a discussão da heterossexualização na infância. *Revista gênero*, Niterói – RJ, v. 12, nº. 2, p. 47-63, 1º sem., 2012.

FINCO, Daniela. Os perigos da naturalização das relações sociais na educação infantil. *Pátio Educação Infantil: gênero na educação infantil*, ano XI, nº. 36, p. 4-7, jul./set., 2013.

FINCO, Daniela. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. *Pro-Posições*, Campinas-SP, vol. 14, nº. 3 (42), p. 89-102, set./dez., 2003.

FINCO, Daniela; SILVA, Peterson Rigato da e DRUMOND, Viviane. Repensando as relações na educação infantil a partir da ótica de gênero. In: VARIOS AUTORES/GEPEDISC-CULTURAS INFANTIS (orgs). *Culturas Infantis em creches e pré-escolas: estágio e pesquisa*. Campinas-SP: Autores Associados, 2011, p. 59-85.

FONSECA, Thomas Spartacus Martins. *Quem é o professor homem nos anos iniciais?* Discursos, representações e relações de gênero. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 35ª Ed., Petrópolis- RJ: Vozes, 2008a.

FREITAS, Marcos Cezar de. Prefácio – O coletivo infantil: o sentido da forma. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de. *O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes*. São Paulo: Cortez, 2007, p.7-13.

GARCIA, Sandra Mara. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehaum e MEDRADO, Benedito (orgs). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS; editora: 34, 1998, p. 31-50.

GOBBI, Márcia Aparecida. *Lápis Vermelho é de mulherzinha: desenho infantil, relações de gênero e educação infantil*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de Campinas – UNICAMP, 1997.

GUATTARI, Felix. As creches e a iniciação. In: *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1981, p. 50-55.

JENSEN, Jytte Juul. Men in Childcare services – discussion paper. *The international seminar “Men as carers: Towards a culture of responsibility, sharing and reciprocity between genders in the care and upbringing of children.* Raenna, Italy – May 1993. (mimeo).

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Proposições*, Campinas-SP, v. 19, n. 2 (56), p. 17-23, maio/ago., 2008.

MARX, Karl. Manuscritos econômico-filosóficos: terceiro manuscrito. In: *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. 2ª Ed., São Paulo: Abril Cultura, 1978, p. 3-48.

MARX, Karl. *O 18 Brumário e cartas a Kugelmann*. 8ª Ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MARX, Karl. O rendimento e suas fontes: a economia vulgar. In: *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. 2ª Ed., São Paulo: Abril Cultura, 1978, p. 260-322.

MCNAIR, Lynn. A influência masculina. *Infância na Europa*, Lisboa: APEI, p. 37, edição especial 2013.

MEDRADO, Benedito e LYRA, Jorge. Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Estudos Feministas*, Florianópolis-SC, 16 (3), p. 809-840, set./dez., 2008.

MÉSZÁROS, István. *A Educação para além do capital*. 2ª Ed., São Paulo: Boitempo, 2008.

MIR, Angélica Galvani. *Família, preconceito de gênero e práticas sexistas na Educação Infantil*. Monografia (Especialização) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Universidade Virtual do Estado de São Paulo, Núcleo de Apoio Social, Cultural e Educacional, São Paulo, 2013.

MIR, Angélica Galvani. *Professoras de crianças pequenas: especificidade de uma profissão feminina*. Trabalho de conclusão de curso (graduação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2005.

MONTEIRO, Mariana Kubilius. *Trajetórias na docência: professores homens na educação infantil*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2014.

MORAES, Júlio Paulo de. A experiência de um homem, educador, cuidador, recreacionista em uma creche: análise fundamentada a partir das ideias e conteúdos aprendidos no projeto “tecendo...”. In: RIBEIRO, Claudia Maria (org.). *Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil*. Lavras: UFLA, 2012, p. 371-383.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. *Estudos feministas*, Florianópolis-SC, vol. 8, n. 2, p. 9-42, 2000.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. *A construção social da masculinidade*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

PEETERS, Jan. Os homens devem ser prudentes. *Infância na Europa*, Lisboa: APEI, n.º. 23, p. 19-20, 2012.

PEETERS, Jan. Os profissionais da infância: actores de mudanças. Como construir uma nova profissão a partir do terreno. *Infância na Europa*, Lisboa: APEI, n.º. 15, p. 22-26, julho/dezembro, 2008.

PEETERS, Jan. Towards a gender neutral interpretation of professionalism in early childhood education and care (ECEC). *Revista Española de Educación Comparada*, 21, p. 119-144, 2013.

QVORTRUP, Jens. A tentação da diversidade – e seus riscos. *Educação e Sociedade*, Campinas-SP, vol. 31, n.º. 113, p. 1121-1136, out./dez., 2010.

RAMOS, Joaquim. *Um estudo sobre os professores homens na educação infantil e as relações de gênero na rede Municipal de Belo Horizonte – MG*. Dissertação (mestrado em educação), Universidade Pontifícia Católica de Minas Gerais – PUC-MG, 2011.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação formal, mulher e gênero no Brasil contemporâneo. *Estudos Feministas*, Florianópolis-SC, vol. 9, n.º. 2, p. 515-540, 2001.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação infantil, classe, raça e gênero. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, n.º. 96, p. 58-65, fev., 1996.

ROSEMBERG, Fúlvia. Educação: para quem? *Ciência e Cultura*, São Paulo, vol. 28 (12), p. 1466-1471, dez., 1976.

ROSEMBERG, Fúlvia. O movimento de mulheres e a abertura política no Brasil: o caso creche. *Caderno de Pesquisa*, São Paulo, (51), p. 73-79, nov., 1984.

RUSSO, Danilo. De como ser professor sem dar aula na escola da infância. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de e MELLO, Suely Amaral (orgs.). *Territórios da infância: linguagens, tempos e relações para uma pedagogia para as crianças pequenas*. Araraquara-SP: Junqueira&Marin, 2007a, p. 57-83.

RUSSO, Danilo. De como ser professor sem dar aulas na escola da infância (II). In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de (org.). *O coletivo infantil em creches e pré-escolas: falares e saberes*. São Paulo: Cortez, 2007b, p. 67-93.

RUSSO, Danilo. De como ser professor sem dar aulas na escola da infância (III). *Revista Eletrônica de Educação*, São Carlos-SP: UFSCar, v.2, no. 2, p. 149-174, nov. 2008. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br> (acesso 11/05/2014).

SAPAROLLI, Eliana Campos Leite. *Educador infantil: uma ocupação de gênero feminino*. Dissertação Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, 1997.

SAYÃO, Deborah Thomé. Pequenos homens, pequenas mulheres? Meninos, meninas? Algumas questões para pensar as relações entre gênero e infância. *Pro-Posições*, Campinas-SP, vol. 14, nº. 3 (42), p. 67-87, set./dez., 2003.

SAYÃO, Deborah Thomé. *Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: Um estudo de professores em creche*. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em educação, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2005.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, vol. 2, n. 20, p. 71-99, jul./dez., 1995.

SILVA, Claudionor Renato de. Professor homem, negro na escola da infância: reflexões e apontamentos de um iniciante. *Temas em educação e saúde*, Araraquara-SP: UNESP, v. 7, p. 125-150, 2011.

SILVA, Peterson Rigato da. A presença masculina na Educação Infantil: diversidade e identidades na docência. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de e FINCO, Daniela (orgs). *Sociologia da infância no Brasil*. Campinas-SP: Autores Associados, 2011, p. 105-120.

SILVA, Peterson Rigato da. *Construindo um outro olhar sobre o docente na educação infantil: memórias de um profissional da pré-escola pública piracicabana*. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, 2006.

SILVEIRA, Francisca Mariano. *A inserção de homens na educação infantil*. Monografia (Especialização) – Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2011.

SOARES, Carmem Lúcia. *Imagens da educação no corpo: um estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. 2ª. Ed. rev., Campinas-SP: Autores Associados, 2002.

SOUZA, Érica Renata de. *Questões de gênero na infância e na escola*. Dissertação de mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1999.

SOUZA, Mara Isis de. *Homem como professor de creche: sentidos e significados atribuídos pelos diferentes atores institucionais*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, 2010.

SOUZA-LOBO, Elizabeth. *A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência*. 2ª Ed., São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

TONUCCI, Francesco. *Com ojos de niño*. 1ª ed. – Buenos Aires: Losada, 2005.

WADA, Maria José Figueiredo Ávila. *As professoras de crianças pequeninhas e o cuidar e o educar: um estudo sobre as práticas educativas em um CEMEI em Campinas*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em educação, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2002.